

Palavras, brinquedos e brincadeiras: a cultura oral como fator de promoção da leitura

JURACY IGNEZ ASSMANN SARAIVA
Pesquisadora e professora da Universidade Feevale, Brasil.

1. A tradição oral e a formação de leitores

A leitura na escola pode ser um momento de encontro, de trocas de experiências afetivas e cognitivas que enriquecem, não somente o aluno, mas também o professor. Ao recuperar a criança que um dia já foi, o professor estabelece uma via de mão dupla com seus alunos, acolhendo o conhecimento que eles trazem para a escola e com eles dividindo sua experiência de aprendiz.

Tanto os educadores quanto seus alunos têm uma história pessoal em que se entrelaçam muitas histórias. Entre essas, inclui-se a história do modo como tiveram acesso ao mundo da ficção e da poesia, o qual, certamente, não se iniciou na escola. Muitos ouviram, nos serões familiares, histórias de assombração, "causos", lendas e outras narrativas folclóricas; aprenderam com avós e pais, ou com outras pessoas que povoaram sua infância, quadras, trava-línguas, adivinhas, brincos. Para a maioria das pessoas, o primeiro contato com o mundo da cultura se deu por meio das canções de ninar que se inscreveram em sua memória como uma mensagem de ternura e de poeticidade.



Alunos da 4ª série da E.M.E.F. Luiza Silvestre Fraga são acompanhados pela professora em seu trabalho sobre Fábulas

Todavia, atualmente, nos dias de chuva ou nas noites de frio, as pessoas já não sentam ao redor do fogão a lenha para ouvir histórias e aprender canções, porque os avanços tecnológicos substituíram objetos que promoviam rituais de agregação, e os meios de comunicação introduziram outras formas de lazer. A própria família tem dificuldades para se reunir, e as histórias de vida e os registros de uma cultura oral se diluem diante da força avassaladora das mensagens da mídia eletrônica e digital. Entretanto, apesar disso e por mais baixo que seja seu nível social, as crianças chegam à escola trazendo um repertório de narrativas e de poemas que, em maior ou menor grau, são representativos de sua identidade cultural. Esse acervo, somado àquele que o professor constituiu em sua infância e durante o trajeto de sua formação profissional, pode ser a base para a construção de uma bem sucedida história de leitura dos alunos. Assim sendo, essa história não tem um ponto de partida, mas também não terá um fim, pois irá se construindo ou se re-escrevendo, a cada dia, a cada novo encontro com a leitura.

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação

ISSN: 1681-5653

n.º 61/3 – 15/03/13

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI-CAEU)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI-CAEU)

O professor, por meio da troca de experiências e da valorização do conhecimento prévio de seu aluno, que se estende ao de seus familiares, transforma a prática da leitura e da escrita em um processo criativo, que envolve emocionalmente a criança e lhe dá prazer. Essa relação amistosa com os códigos da língua deixa marcas não apenas no modo como a criança aprende a ler e a escrever, mas afeta o processo do ensino e da aprendizagem e se expõe, até mesmo, no comportamento dos adultos em face da leitura. A oportunidade de vivenciar a magia das histórias e das brincadeiras com as palavras fomenta a inventividade da criança e sua autonomia e a prepara para responder positivamente às tarefas da trajetória escolar e, porque não dizer, da própria vida. A falta dessa experiência, porém, leva alunos a apresentarem dificuldades na compreensão e na assimilação dos conteúdos pedagógicos, decorrentes de sua animosidade em relação à leitura. Para eles, o livro de literatura é, pela vida afora, um objeto feito de folhas de papel, uma vez que são incapazes de ver que as palavras que nelas dormem guardam histórias ou poemas que esperam para ser reinventados.

O caminho para a legitimação de uma história de leitura, cujo início se situa em experiências talvez indescritíveis e que se alimenta de contribuições coletivas, pode transitar, pois, da recuperação da literatura de tradição oral para o universo da produção artística. As quadrinhas, as trovas, as fórmulas de escolha, as adivinhas, os improvisos do folclore; os mitos e lendas afro-brasileiras e dos povos indígenas, bem como as narrativas orais de outras vertentes; as canções da música popular são modos de expressão que constituem um acervo para implementar as atividades escolares voltadas para o domínio da língua. Conjugados a manifestações da literatura de natureza estética, esses produtos da oralidade cativam o leitor e valorizam uma herança cultural que, reconhecida em sua heterogeneidade, ajuda a eliminar a distância da escola quanto à realização de seus objetivos: valorizar os traços identitários da criança, promover sua autoestima, contribuir para seu conhecimento pessoal e o do contexto, oferecer-lhe espaços de reflexão sobre padrões de comportamento social.

Ambas as modalidades – as de origem popular e as resultantes da criação estética – apelam ao imaginário, instalam um “mundo possível”, brincam com a natureza lúdica da linguagem, introduzindo o prazer gratuito de um jogo, de que decorrem provocações, desafios e descobertas. Mas, apesar de serem fictícias e de apresentarem aspectos mágicos e de encantamento, tanto a literatura oriunda do substrato oral quanto a de natureza artística estabelecem correspondências com a realidade, pois representam a natureza humana por meio de elementos simbólicos. Assim, essas produções têm



Alunos da 3ª e 4ª séries da E.M.E.F. Professor Francisco Weiler dançam ao som de uma música gauchesca e degustam chimarrão

a capacidade de abordar a vida concreta e de provocar interrogações sobre ela, ainda que, aparentemente, neguem todo e qualquer compromisso com a realidade. Além disso, mesmo que não tenham o objetivo

explícito de ensinar, fornecem modelos de conduta, propiciam bases para comparações, revelam escalas de valores e paradigmas de beleza.

A tradição oral faz circular saberes que auxiliam homens e mulheres, crianças e adultos a se integrarem a sua cultura, enquanto os textos literários conseguem, além disso, introduzir uma reflexão sobre as potencialidades da própria língua. Portanto, valorizando a riqueza das manifestações oriundas da oralidade e do sistema literário, o professor garante ao aluno o acesso à herança cultural e provê sua formação como leitor.

2. Uma proposta lúdica de leitura e de escrita

A presente comunicação, tendo por base os pressupostos anteriormente explicitados, relata o desenvolvimento de um programa de leitura e de escrita denominado *Palavras, brinquedos e brincadeiras*, cuja aplicação envolveu professores de escolas municipais e estaduais de quatro municípios do Rio Grande do Sul, Brasil. A concepção do programa sustentou-se na convicção de que os alunos podem ser motivados para o ato de ler, ao constatarem que seu conhecimento da cultura oral é aproveitado como matéria para o desenvolvimento de atividades vinculadas à aquisição da leitura e à produção de textos.

Esse aproveitamento estabeleceu uma aproximação entre a escola e a comunidade e entre o professor e o aluno, tendo em vista que esse último tinha seus saberes e sua origem social valorizados. A apropriação da cultura oral, paralelamente, abriu espaço para o estabelecimento de amplas correlações que abarcaram, também, textos de natureza estética, entre os quais os expressos por meio da palavra e da imagem. Resultou, dessa convergência, a possibilidade da instauração de um diálogo inovador entre professor e aluno – o qual consolidou o reconhecimento da importância da leitura no Ensino Fundamental –, e a ampliação das fronteiras culturais dos atores em interação.

O programa *Palavras, brinquedos e brincadeiras* foi concebido, pois, como uma proposta pedagógica em que elementos da cultura popular foram retomados e articulados a manifestações eruditas, para constituírem material de trabalho do professor das séries iniciais do Ensino Fundamental. Nela, o



Alunos da E.M.E.F. Rui Barbosa ilustram uma fábula lida em aula

domínio cultural da criança foi o ponto de partida para a instalação de um ambiente propício à aprendizagem da leitura e da escrita e a ludicidade, sua característica fundamental. O entretenimento esteve presente na adesão a situações fictícias, em comportamentos ligados à idéia de jogo, no estímulo à invenção e à criatividade, mas a aplicação da proposta não excluiu a reflexão sobre a realidade circundante e sobre as possibilidades de expressão da língua e de outras linguagens. Portanto, no âmbito das atividades rotineiras da escola, *Palavras, brinquedos e brincadeiras* assumiu uma peculiaridade própria, pois recorreu ao conhecimento prévio dos alunos – calcado na oralidade –, ampliou-o para produções estéticas e,

sem abandonar a concepção de brincadeira, orientou a aprendizagem para o estabelecimento de aproximações múltiplas no âmbito das linguagens e para o desenvolvimento de uma atitude crítica dos alunos diante de seu contexto.

A própria denominação – *Palavras, brinquedos e brincadeiras* –, esclarecia a orientação da proposta para o divertimento, que ganhou forma na execução de cinco unidades de leitura e escrita. O foco temático, brinquedos e brincadeiras, foi o núcleo gerador das unidades que foram concebidas a partir de determinados gêneros textuais.

A primeira unidade – *Folclore infantil* – reuniu variadas manifestações da cultura popular, abrangendo brincadeiras, brinquedos, canções, quadrinhas, adivinhas, parlendas, fórmulas de escolha, danças e aproximou as crianças do mundo dos brinquedos e das brincadeiras de seus pais e avós. A segunda unidade – *Poemas* – voltou-se para a exploração da natureza lúdica da linguagem poética, promoveu atividades de declamação e de análise de aspectos formais da poesia, como rimas, ritmo e processo enunciativo. A musicalidade instituída pelas palavras, os recursos da instalação de imagens, as associações inusitadas que elas promovem, foram apresentados aos alunos como um convite para participar de um exercício criativo.



Alunos da E.E.E.F. 10 de Setembro descobrem palavras escondidas

Uma vez acionado, ele propiciou o prazer da produção de textos poéticos, o estabelecimento de relações entre textos verbais e visuais, a reflexão sobre o ato de brincar. *Fábulas* foi a terceira unidade que, ao centrar-se nesse gênero, interligou uma personagem da atualidade com aquelas que, durante séculos, têm expressado lições de moralidade; ela abrangeu, além de inúmeras e diversificadas atividades de leitura e de escrita, o estudo do gênero sinopse, a compreensão do conceito de fábula e sua releitura por meio da pintura, da iluminura, dos provérbios, e variados trabalhos de iniciação artística, que incluíam desde esculturas com arame até representações teatrais. Ao prestigiar *Lendas* e *Contos populares*, a quarta e quinta unidades reafirmaram que “a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e que, nesse momento da existência humana, a gente faz a festa é com uma boa história bem contada” (Machado, 2002, p.13). Além de ouvir e de reproduzir histórias por meio de técnicas que incluem ilustrações, dramatizações, encenações com fantoches, os alunos foram desafiados a identificar aspectos específicos do modo narrativo como, por exemplo, a estrutura sequencial de narrativas e a concepção de personagens. Foram estimulados, também, a redigirem narrativas ou textos em forma de bilhetes, cartas, convites, receitas culinárias, anúncios ou mensagens de propaganda; a correlacionarem as narrativas a canções populares; a se manifestarem criticamente a respeito de episódios; a distinguirem percepções decorrentes da imaginação mítica de informações resultantes da observação e da análise científica; a formularem conceitos; a investigarem aspectos do folclore.

Todas as unidades preservaram a ideia de que o aprender faz parte de uma festa, em que os protagonistas são os alunos e em que os brinquedos e as brincadeiras abrangem palavras e inúmeras derivações que elas provocam.

Todavia, ao valorizarem o que é peculiar à infância – o lúdico – e transferirem para a prática pedagógica elementos de origem popular e folclórica, as unidades ampliaram o horizonte cultural dos alunos e contribuíram para reafirmar os elos que lhes garantem sua identidade como sujeitos histórica e geograficamente situados. Ao darem forma à convicção de que brincar é coisa séria e de que a aprendizagem pode ser uma brincadeira, a proposição das unidades não perdeu de vista o foco no processo de aquisição da leitura e da escrita.



Aluno da E.M.E.F. Francisco Weiler
brinca com escultura de arame

Sob esse aspecto, as diversas unidades partiam de uma atividade de motivação para promover, a seguir, a instauração de distintas etapas do processo de leitura: entender, analisar, interpretar e aplicar, efetivadas por meio de questionamentos orais, de exercícios escritos ou por meio de variadas práticas de socialização do conhecimento. Sob esse aspecto, a proposta recorreu às inovações tecnológicas, valendo-se dos processos da comunicação digital e dos recursos da multimídia para preservar a riqueza da tradição oral e a importância das histórias individuais e coletivas.

Em seu conjunto, as atividades promoveram a interação da criança com a palavra e com outras linguagens, constituindo um instigante material pedagógico, cuja utilização sistemática aprimorou a competência linguística, oportunizou avanços cognitivos, estimulou a leitura, a invenção e a produção de textos e contribuiu para que o pequeno aprendiz compreendesse melhor a si mesmo e a seu espaço social.



Alunos da 2ª série da E.M.E.F. Luiza
Silvestre Fraga fazem esculturas em

Os agentes envolvidos na proposição das atividades e em sua execução – professores e coordenadores – destacaram os aspectos positivos da articulação da aprendizagem do código escrito com o tema do brinquedo e da brincadeira e sua vivência no espaço escolar: o envolvimento prazeroso dos alunos nas atividades de leitura; a qualidade dos textos produzidos pelos alunos nas mais diferentes linguagens; a interação da escola com a comunidade e o comprometimento dos familiares com o processo de leitura e de escrita; o orgulho dos pais por verem sua infância recuperada na infância de

seus filhos; a satisfação dos professores ao perceberem sua própria competência na proposição de atividades; a atitude positiva dos professores em face da necessidade de ler com seus alunos; o reconhecimento dos professores de que, para promover a leitura, a utilização de estratégias e técnicas diversificadas tem função importante; a constatação pelos professores do desenvolvimento da criatividade de seus alunos e de sua própria; a ampliação do horizonte cultural de alunos e professores.



Aluna da E.E.E.F. 10 de Setembro experimenta uma nova técnica de ilustração

Em síntese, a proposta se apropriou do conhecimento prévio dos alunos, oriundo do substrato da oralidade, promoveu o envolvimento de comunidades e a valorização de sua identidade sociocultural, trouxe ações inovadoras para a motivação da leitura, apoiadas no imaginário das crianças, e demonstrou sua eficácia e eficiência por meio dos resultados no domínio da leitura e da escrita. Ela se legitimou, igualmente, por fatores imponderáveis, visto que, ao destacar as funções de caráter social e ético que brincadeiras, poemas e narrativas traduzem, contribui para a formação de cidadãos conscientes e críticos.

Referências

MACHADO, Ana Maria (2002). *Os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

ZILBERMAN, Regina (2006). Da literatura para a vida. In: SARAIVA, Juracy Assmann e MÜGGE, Ernani. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed.